

Guerra Urbana: Visão de Um Soldado

General (Res) Robert H. Scales, Exército dos EUA

O ESTABELECIMENTO da defesa americana foi criado dentro de uma cultura de guerra de grande porte, onde grandes ameaças eram tratadas com programas dispendiosos. Mesmo assim, durante todo o período da Guerra Fria, os soldados eram obrigados a lutar na Coreia, Iraque, Afeganistão e outros países, travando guerras reais contra inimigos cuidadosamente atentos às batalhas. Tais inimigos aprenderam, em cada combate, que a maneira mais segura de obter vantagem é anular as excelentes tecnologias americanas de guerra, levando a luta para terrenos complexos, como florestas, montanhas e, mais recentemente, cidades. O plano do inimigo é simples e eficaz: atrair as forças americanas para terrenos onde o conhecimento, a velocidade e a precisão da Era da Informação rendam-se às tradicionais vantagens de guerra, como massa, vontade, paciência e até a morte se necessário.

Esses inimigos sabem que nunca irão desenvolver, integrar e empregar sofisticados sistemas de armas. A tradição do sistema de tribos nas forças armadas islâmicas impede sua capacidade de criar grandes organizações de guerra coesas, bem vinculadas e estruturalmente bem organizadas. Eles estão dispostos a aceitar o fato de que podem vencer os Estados Unidos lutando em grupos pequenos e pouco adestrados, usando armamentos da Era Industrial, como lança-rojões e fuzis de assalto.

Na Somália, no Líbano e no Iraque, o inimigo também aprendeu que o centro de gravidade vulnerável americano é a morte de um de seus soldados. Assim, o extermínio de americanos passou de meio a finalidade, e o lugar mais eficaz para esse fim é nas cidades, onde a aglomeração urbana permite que o inimigo se esconda. O terreno conhecido, o apoio da população e uma infraestrutura útil fornecem ao inimigo a vantagem de ter um refúgio em meio ao poder de ocupação, vantagem esta

impossível de ser alcançada em terreno aberto. Ele pode literalmente se esconder a olhos vistos e ser indistinguível na massa urbana que o protege e apóia.

Experiências recentes também sugerem que a guerra urbana ainda desafiará as forças armadas americanas por muitas décadas. A complexidade do desafio crescerá na medida em que cidades de países em desenvolvimento (no Oriente Médio em particular) continuem a acumular pobreza e desafeto.

Afastados dos vínculos culturais e religiosos tradicionais que controlam suas agressões, jovens inquietos adicionarão mais combustível humano às crescentes fogueiras das insurgências urbanas fundamentalistas.

A cidade é o maior desafio para qualquer força tática. Nas cidades, a zona vermelha — o espaço que separa as forças amigas das inimigas — é reduzida.

No combate em terreno aberto, essa zona vermelha compreende, normalmente, milhares de metros. No entanto, em área urbana, ela mede apenas algumas dezenas de metros no labirinto de prédios, ruas e becos. As vantagens tradicionais de lutar fora da zona vermelha desaparecem à medida que as cidades obrigam os soldados a travarem combate aproximado contra o inimigo.

A natureza compartimentada da floresta urbana fragmenta as forças. Os campos de tiro reduzidos limitam o alcance eficaz dos armamentos orgânicos e permite que o inimigo “se misture” às forças dos EUA, impedindo o emprego eficaz das armas guiadas de precisão lançadas de plataformas aéreas. Terrenos urbanos compartimentados reduzem a um grau significativo as vantagens do conhecimento superior e o domínio das comunicações eletrônicas.

Soldados e fuzileiros navais lutam e, ocasionalmente, morrem em combates táticos aproximados em cidades, e toda ação tática tem consequências estratégicas. Cada

vez que um soldado ou fuzileiro naval morre, os Estados Unidos perdem mais um pedaço da iniciativa estratégica, diminuindo as probabilidades de êxito. A morte de cada soldado aumenta o clamor público para trazer os soldados e fuzileiros navais de volta à pátria. Apenas um idiota concluiria que o inimigo não está ciente dessas conexões.

Se o centro de gravidade mais vulnerável dos Estados Unidos é a morte dos seus soldados, deixando um pouco de lado os aspectos humanitários desse assunto, parece óbvio que o bem-estar dos nossos soldados deveria ser a primeira prioridade dos planejadores de defesa e dos legisladores. Talvez essa seja a primeira prioridade,

Experiências recentes também sugerem que a guerra urbana ainda desafiará as forças armadas americanas por muitas décadas. A complexidade do desafio crescerá na medida em que cidades de países em desenvolvimento (no Oriente Médio em particular) continuem a acumular pobreza e desafeto. . . A cidade é o maior desafio para qualquer força tática.

embora não existam indícios nas atuais doutrinas política, orçamentária, estratégica e de prioridades.

Vamos esclarecer bem quem sofre as baixas. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, quatro entre cinco americanos mortos eram soldados de infantaria — não apenas soldados e fuzileiros navais — mas infantes. Os soldados de infantaria constituem menos de 5% do efetivo de todas as Forças Armadas. No entanto, são os que morrem e matam o inimigo. Nenhum soldado dos Estados Unidos foi morto pela ação aérea do inimigo desde a Guerra da Coreia, nem tampouco por ação marítima desde a Segunda Guerra Mundial. O último combate aéreo americano foi o de *Linebacker II*, em 1972. O último combate marítimo americano foi o do Golfo de Leyte, em 1944. O último soldado americano morto em combate faleceu ontem.

É importante lembrar que os soldados de infantaria constituem uma pequena parte da força, são pouco exigentes e mal valorizados. O orçamento previsto pelo Tesouro americano para os soldados do combate aproximado é apenas um pouco maior que o do Departamento de Polícia da Cidade de Nova Iorque. Todos os soldados de infantaria, guarnições de carros de combate e Forças Especiais do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais reunidos não encheriam um estádio de futebol americano. Esses homens (todos são realmente homens) são, em sua maioria, da classe média branca sendo os grupos minoritários desproporcionalmente representa-

dos. Enquanto os motivos para juntar-se ao time dos guerreiros variam, o desejo de cada soldado em provar sua coragem em circunstâncias perigosas é comum. Em suma, os soldados do combate aproximado não escolhem entrar para as forças armadas pelo dinheiro nem pelas oportunidades de educação.

O ditador russo Vladimir Lênin supostamente disse que na guerra “a quantidade tem uma qualidade própria”, pressupondo que a tecnologia, o adestramento e a liderança não podem fazer muito em relação à quantidade de tropas numa batalha. O combate aproximado sempre exigiu grande número de combatentes. A tecnologia pode até tornar o trabalho mais seguro e eficaz, mas a batalha e o inimigo determinam os padrões de densidade no campo de combate. Em geral, quanto mais complexo for o terreno, maior o número de soldados necessários para o combate. As cidades são famosas por absorverem um grande número de soldados.

O pequeno número de soldados e fuzileiros navais do combate aproximado nas Forças Armadas atualmente é o mais difícil de ser justificado, devido ao fato de esses combatentes terem habilidades que não podem ser encontradas nas ruas ou contratadas. Em todo conflito, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a falta de soldados de infantaria profissionais de primeira classe tem ameaçado o sucesso das campanhas militares. Uma campanha demorada exaure o recompletamento de “matadores natos”, causando a reação inevitável de acelerar o adestramento, apressar a formação de unidades e substituir os mortos ou feridos em combate. O resultado de tal pressa e falta de previsão é um trágico aumento de mortes e mutilações desnecessárias.

A comparação dos custos em equipar guerreiros nas forças armadas revela uma dicotomia. Um piloto de primeira classe leva muitos anos e, pelo menos, oito milhões de dólares para ser treinado, e ele luta com uma arma que custa em torno de 50 e 150 milhões de dólares. Muitos soldados de infantaria vão para o combate aproximado com cerca de quatro meses de adestramento, e o custo total para equipá-los é bem menos de cem mil dólares. Ainda assim, soldados de infantaria morrem todos os dias, enquanto pilotos de caças raramente sofrem sérias ameaças. Hoje em dia, há menos grupos de combate de infantaria do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais do que aviões de caça de primeira linha em serviço ativo.

Essa situação tem sido aceita devido à crença de que fogos de longo alcance e a inteligência estratégica causam tanto desgaste no inimigo que um engajamento entre as forças do combate aproximado seria árduo e não decisivo. No entanto, experiências recentes provam que essa premissa não mais se aplica. A ciência não é a responsável por delinear a premissa. O inimigo sim. Ele adaptou o seu estilo de guerra para nos levar próximos ao ponto no campo de batalha, onde a grande ciência rende-



Departamento de Defesa

Soldados norte-americanos realizam a evacuação médica de um soldado iraquiano ferido em Kharma, Iraque. 1º de maio de 2005

se à pequena ciência. Ele desenvolveu uma doutrina de combate operacional que reduz significativamente sua vulnerabilidade de ser morto a grandes distâncias. Sua eficácia começa no ponto de contato e diminui rapidamente além da zona vermelha.

A fim de se obter uma nova perspectiva das necessidades militares da Nação, devemos ver a guerra de baixo para cima (pelo menos metaforicamente), ao andarmos em Bagdá ou Fallujah na companhia dos soldados e fuzileiros navais que causam e sofrem a maioria das perdas fatais. Ao pensar sobre suas funções de baixo para cima, podemos apreciar melhor o que eles consideram importante. Ao observarmos os soldados do combate aproximado em ação, podemos associar o que eles fazem no nível tático para as necessidades estratégicas. O que deveríamos fazer para permitir que soldados e fuzileiros navais do combate aproximado tenham êxito na atual era de guerra obscura e perigosa? Como podemos fazer funcionar a tecnologia, a capacidade intelectual e as habilidades organizacionais americanas, a fim de assegurar a segurança e o sucesso desses jovens que executam esses trabalhos tão difíceis?

Iniciativas para o Combate Aproximado

Diversas iniciativas provavelmente podem ajudar os soldados do combate aproximado a vencerem e sobreviverem em engajamentos táticos diretos. A palavra-chave é “diretos”. Lembre-se das estatísticas mencionadas

anteriormente e concentre-se em quem faz realmente o combate e quem inflige baixas fatais. Começamos pelo nível individual e instintivo, onde o extermínio direto acontece e a ciência da guerra dá lugar ao mito, à anedota e à suposição. Gradativamente, elevaremos nossos objetivos e avaliaremos fatores menos diretos. Deve-se ter em mente que, quanto mais nos afastamos da linha de fogo, os sistemas são menos relevantes para as necessidades do combatente e passam a custar mais caros.

Conhecimento do inimigo. Em operações urbanas, o que um soldado ou fuzileiro naval do combate aproximado mais precisa é o conhecimento do inimigo que o espera na esquina para emboscá-lo. Os sistemas estratégicos, tais como satélites em órbita, veículos aéreos não tripulados a grande altura e outros aviões podem, às vezes, captar a presença da ameaça certa e imediata, mas não há como levar a informação ao soldado a tempo de ele agir. O soldado do combate aproximado deve encontrar o inimigo à moda antiga — ao se expor, atirar para atrair, localizar, fixar e destruir o inimigo.

O soldado de infantaria obtém alerta oportuno principalmente através do reconhecimento feito por esclarecedores que “reconhecem” o objetivo e verificam a presença do inimigo. Ocasionalmente, pagamentos sigilosos a informantes e espões aumentam o reconhecimento. Cidades abarrotadas agravam as dificuldades de encontrar um inimigo que se esconde misturando-se à população. Frequentemente, o inimigo usa civis como escudos

humanos sacrificando-os ao poder do fogo americano, a fim de obter uma vantagem psicológica.

Enquanto a tecnologia pode ajudar o soldado a encontrar o inimigo no combate aproximado, os soldados, há muito tempo, têm procurado um dispositivo que mostre, em tempo real, todas as ameaças em áreas próximas — a informação recebida por vários meios, de estratégicos a táticos, é filtrada para que recebam apenas as informações relativas à situação imediata. Numa guerra urbana bidimensional, o inimigo tem a vantagem da informação, devido ao seu conhecimento profundo do terreno e da ajuda que recebe dos civis. Nossos soldados apenas

Os infantes ou fuzileiros navais do combate aproximado de hoje precisam de mais tempo para desenvolver ao máximo sua eficácia de combate do que seus antecessores. Anos, e não meses, são necessários para preparar um soldado com as habilidades e atributos para realizar as tarefas cada vez mais difíceis e perigosas que os esperam no futuro. As pequenas unidades precisam de, pelo menos, um ano para desenvolverem as habilidades coletivas necessárias para lutar como uma equipe.

recuperarão a vantagem da informação se transformarem a luta em tridimensional. O uso de veículos aéreos não tripulados ou de aeronaves de vôo estacionário pode equilibrar as diferenças, permitindo que o soldado ou o fuzileiro naval veja atrás das esquinas e dentro de prédios. O inimigo pode esconder-se dentro das estruturas urbanas, entretanto o domínio aéreo priva-o da habilidade de se mover livremente e de se organizar em grandes grupos.

Astrônomos aprenderam a vantagem de conectar rádio-telescópios num sistema coeso, com o intuito de obter uma melhor resolução de objetos do que as obtidas por telescópios individuais. A técnica também se aplica a guerras táticas. A disponibilidade de tecnologia pode conectar os soldados, de forma que cada um seja um sensor num campo de sensores, que coletivamente se tornam um sistema extensivo de sensores. Essa visão terrestre detalhada do campo de batalha forneceria uma resolução e definição do inimigo, sem precedentes, na guerra moderna.

Mantendo contato. Os generais e coronéis contam com sistemas sofisticados de comando e controle que os ajudam a orquestrar o combate. No entanto, soldados e fuzileiros navais em unidades do combate aproximado ainda precisam de um sistema que os ajude a manter contato entre si e com os seus superiores. O campo de

batalha urbano é solitário e intimidante. Inimigos aparecem de todos os cantos e, em geral, não há contato entre os membros de uma unidade. Os componentes dos grupos de combate dependem de contato visual, sinais convencionados e ordens em voz alta. Esses soldados deveriam ter um sistema de contato virtual que lhes desse confiança para lutar eficazmente, sem ter que se aglomerar em grupos vulneráveis.

Comandantes de grupos de combate também deveriam ser capazes de ver os seus soldados virtualmente. Monitores individuais acoplados a cada soldado poderiam manter o comandante informado a respeito da posição de cada um.

Gráficos de combate que retransmitem feedback médico poderiam fornecer informações sobre as condições físicas e emocionais de um soldado e ajudar o comandante do grupo de combate a decidir quais soldados estão mais bem preparados emocionalmente para exercer certas tarefas específicas. Em conjunto, esses dados indicariam aos comandantes superiores quando uma pequena unidade chegasse ao ponto máximo de exaustão emocional, física e psicológica.

Num mundo perfeito, os soldados e fuzileiros navais no terreno deveriam ter condições de saberem quais as intenções de seus comandantes táticos. Se esperamos que comandantes táticos subalternos tomem as decisões estratégicas, deveriam ter um conhecimento mínimo do processo de tomada de decisões de seus superiores. A essência da liderança indireta é a habilidade dos subordinados para observar e tornar parte do processo de tomada de decisão, à medida que planos se desenvolvem e mudam. Um dispositivo que permita aos soldados escutarem e apresentarem suas opiniões em discussões de comando e estado-maior fornecer-lhe-ia uma compreensão do pensamento de seus superiores e ajudá-los-ia a entender a intenção e a lógica das ordens subentendidas.

Redução de Assinaturas. Durante a Guerra do Golfo Pérsico, soldados de infantaria obtiveram êxito porque “dominavam a noite”. Dispositivos intensificadores de luz e de visão noturna infravermelho permitiam que os soldados engajassem sempre o inimigo sem serem vistos. As recentes experiências no Afeganistão e Iraque indicam que a vantagem americana em combate noturno está diminuindo, particularmente no combate urbano. As cidades do Oriente Médio são densas e abarrotadas. As ruas e residências são sempre bem iluminadas, descartando qualquer vantagem que possa ser obtida com o uso de equipamentos de visão noturna. Hoje em dia, tecnologias de intensificação de luz, estão disponíveis no mundo inteiro. Até mesmo o mais pobre insurgente pode conseguir esses equipamentos, comprando-os ou roubando-os. Futuramente, teremos que dominar mais do que apenas a noite. As pequenas unidades deveriam ser capazes de manter vantagens espectrais, por meio de



Departamento de Defesa

Soldados da 3ª Divisão de Infantaria protegem a escadaria de uma casa que está sendo vasculhada em Tikrit, Iraque. 2 de abril de 2005.

uma maior distância do espectro de sensor, da luz visível à infravermelha, e devem dominá-las totalmente – mesmo quando o barulho, a luz e a proximidade urbanas reduzam essas vantagens.

Destruição aproximada. Quanto mais a tecnologia se aproxima da linha de tiro menos útil se torna. O último quilômetro do campo de batalha sempre foi um lugar de mistério, folclore e mal-entendidos. Historicamente, nossos inimigos prestaram muita atenção (pelo menos proporcionalmente) à eficácia dos seus soldados durante os combates aproximados. As armas americanas do combate aproximado, principalmente armamentos leves, canhões anticarros e mísseis, algumas vezes eram inferiores às do inimigo. O último projeto original do governo dos EUA de uma arma portátil foi o fuzil Springfield 1903, réplica do Mauser alemão, desenvolvido sete anos antes. Todas as outras armas leves americanas foram desenvolvidas por cidadãos particulares ou compradas no exterior. À possível exceção de dispositivos de visão noturna, Sistemas de Posicionamento Global e mísseis portáteis lançados do ombro, o soldado de infantaria americano não tem nenhuma vantagem tecnológica apreciável no combate aproximado contra até mesmo o mais pobre e primitivo inimigo.

Devemos proporcionar aos nossos soldados o mesmo domínio esmagador para aniquilar o inimigo dentro da zona vermelha que os aviadores, marinheiros e fuzileiros navais têm. Armamentos em carros de combate e outras viaturas blindadas somente são eficazes de 50 a

200 metros — distâncias essas mais prováveis de serem encontradas no combate urbano. O desafio é dar letalidade aos soldados desembarcados, que são os mais prováveis de engajarem aos fogos inimigos. As Forças Armadas dos EUA precisam de novas armas portáteis altamente letais e de fácil manuseio dentro de espaços urbanos. Soldados e fuzileiros navais precisam da habilidade de atirar primeiro em engajamentos de surpresa, usando alguma forma de pontaria reflexiva. Eles precisam de um sistema capaz de matar o inimigo atrás de paredes ou em esquinas. Uma arma portátil capaz de detonar sobre a cabeça do inimigo seria útil, assim como uma arma leve demolidora de paredes, capaz de matar um inimigo dentro de estruturas urbanas.

Proteção. Muitos soldados e fuzileiros navais morrem desnecessariamente porque entram em combates táticos sem a proteção adequada. O que mais os ameaça?

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, os maiores perigos enfrentado pelos soldados do combate aproximado americanos têm sido morteiros e armas de pequeno porte. Na Guerra Global contra o Terrorismo, as armas mais temidas são os lança-rojões e bombas à margem da estrada. O lança-rojão é uma arma simples e diabólica desenvolvida pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial e adaptadas pelos soviéticos para dar aos seus soldados de infantaria uma chance contra a blindagem inimiga. O lança-rojão, como o próprio nome sugere, não é nada mais do que uma granada detonada por um fusível de contato piezelétrico e propelido de um tubo de ferro

por um pequeno foguete. Nossos soldados temem mais as simples minas à margem da estrada devido à sua imprevisibilidade e ao efeito terrível que causam ao corpo.

Experiências recentes no Iraque reforçam o fundamento de que, em guerras limitadas, a chance de um soldado embarcado morrer no combate aproximado é menor do que a de um soldado em combate a pé. Viaturas blindadas são particularmente úteis em combates nas cidades. Uma camada de aço impenetrável evita danos, exceto contra os equipamentos explosivos mais poderosos. A velocidade de movimento e a capacidade de conduzir equipamentos de comunicações e armamentos

As ciências biológicas indicam que os soldados mais velhos e maduros serão capazes de enfrentar o estresse físico dos combates aproximados por mais tempo, o que é importante, porque a prática revela que os homens mais experientes são os melhores combatentes de infantaria. São mais estáveis em situações de crises, menos propensos a serem mortos ou feridos, e muito mais eficazes ao executarem as funções essenciais do combate aproximado.

dão aos soldados embarcados o domínio num confronto com bandidos escondidos, armados com lança-rojões, morteiros e armas automáticas.

O inimigo e a situação exigem que alguns combates sejam realizados desembarcados. Os soldados expostos devem ser melhor protegidos, e a melhor proteção é uma bagagem de conhecimento. Se um soldado souber, com relativa certeza, o que ou quem está atrás do próximo prédio, ele vai precisar de pouca proteção adicional. Entretanto, na Guerra Global contra o Terrorismo, como em guerras passadas, o inimigo encontrará, se quiser, maneiras de restaurar a incerteza. Não há garantias de um perfeito conhecimento da situação até mesmo para o mais bem informado soldado engajado na selva urbana. Esse soldado precisará de uma melhor blindagem pessoal para protegê-lo de fogos de pequenas armas a pouca distância. Uma vez em contato, ele precisará de meios adicionais que limitem a habilidade do inimigo de manobrar ao seu redor. Ele deveria ser capaz de confrontar o inimigo sem ter que se expor ao fogo. Finalmente, quando ele abrir fogo, deve ter a habilidade de discernir entre inimigo e civis inocentes.

Medicina tática. O elevado índice de sobrevivência para soldados feridos em combate atualmente não tem precedente, e muito mais deve ser feito para mantê-los vivos. Nosso centro de gravidade mais vulnerável é a

morte de americanos. A evacuação em tempo oportuno dos feridos é o maior desafio do combate urbano. Temos de afastar um soldado ferido do alcance inimigo por ruas estreitas, antes que ele sangre até a morte ou morra de choque. A proximidade do inimigo, às vezes, frustra até mesmo os melhores esforços de evacuação. Os soldados que combatem em cidades muitas vezes ficam desamparados, como os soldados comandos do Exército dos EUA em Mogadíscio, na Somália.

Nós devemos encontrar melhores soluções para socorrer e tratar um soldado ferido deixado na linha de tiro. Talvez uma capa protetora portátil pudesse ser desenvolvida, o que reduziria os batimentos cardíacos de um soldado e diminuiria o seu metabolismo por horas sem causar sérios danos.

Boa forma física, intelectual e psicológica. À medida que o campo de batalha torna-se mais incerto e letal, também se torna mais solitário e muito amedrontador aos que são obrigados a entrarem no combate aproximado. As mais recentes campanhas americanas aconteceram em terrenos e clima desolados e desconhecidos. Devemos ter muito cuidado na seleção, estabelecimento de vínculos de camaradagem e preparação psicológica e física dos soldados do combate aproximado, para que eles tenham um bom desempenho na guerra desta nova era. A ciência moderna oferece soluções animadoras. Os soldados podem ser mais bem preparados psicologicamente para suportar o estresse do combate aproximado. Testes escritos, avaliações, exercícios de simulações e exames cuidadosos reduzem a porcentagem de soldados que sofrem de estresse após entrarem na linha de fogo.

As ciências biológicas indicam que os soldados mais velhos e maduros serão capazes de enfrentar o estresse físico dos combates aproximados por mais tempo, o que é importante, porque a prática revela que os homens mais experientes são os melhores combatentes de infantaria. São mais estáveis em situações de crises, menos propensos a serem mortos ou feridos, e muito mais eficazes ao executarem as funções essenciais do combate aproximado.

Guerra é um jogo de mentes. Oficiais mais antigos que voltaram do Iraque e do Afeganistão concluíram ser melhor superar o inimigo pelo poder da mente do que pelo equipamento. Eles nos dizem que as guerras são vencidas com a criação de alianças, aumentando as vantagens não militares, interpretando as intenções, obtendo a confiança, convertendo opiniões e administrando as percepções — funções que exigem a habilidade de compreensão da natureza mutante da guerra. Entretanto, cada vez mais, os chefes militares subordinam essa habilidade às exigências mais urgentes das operações de rotina do cotidiano. As forças armadas atuais cresceram tanto, que estão muito ocupadas para aprender, numa época em que o valor do aprendizado nunca foi tão grande.



Departamento de Defesa

Nós pedimos que os soldados e fuzileiros navais façam julgamentos e decisões de comando que, em guerras passadas, eram reservados aos oficiais superiores. Um cabo que monta guarda em Bagdá ou Fallujah pode tomar uma decisão que afete os resultados estratégicos de uma campanha inteira. No Afeganistão, sargentos decidiram onde lançariam munições de precisão. Tal decisão causou grandes conseqüências para a missão estratégica, mesmo assim, o preparo intelectual desses jovens líderes não é mais avançado hoje em dia do que durante a Guerra Fria. Felizmente, a criatividade inata, inovação e iniciativa desses soldados compensam parcialmente a falta de preparo intelectual formal. Ainda assim, eles poderiam ter um melhor desempenho, se as instituições os educassem mais cedo e com mais rigor.

Os infantess ou fuzileiros navais do combate aproximado de hoje precisam de mais tempo para desenvolver ao máximo sua eficácia de combate do que seus antecessores. Anos, e não meses, são necessários para preparar um soldado com as habilidades e atributos para realizar as tarefas cada vez mais difíceis e perigosas que os esperam no futuro. As pequenas unidades precisam de, pelo menos, um ano para desenvolverem as habilidades coletivas necessárias para lutar como uma equipe.

Conhecimento cultural. O sentimento de humanidade do soldado americano pode, as vezes, vir a matá-

lo. Muitos inimigos antigos comentaram a respeito da ingenuidade dos jovens soldados americanos sobre o combate aproximado. Graças aos oceanos que cercam os Estados Unidos, estamos relativamente bem protegidos e, raramente, tivemos de enfrentar invasões em massa ou traumáticas em nossa pátria. Isso explica o fato de muitos soldados norte-americanos, num combate, não acreditarem que um desconhecido queira realmente matá-los. Os soldados americanos gostam de ser amigáveis com estranhos e, até mesmo, com inimigos. Veteranos alemães e japoneses ficaram pasmos com a rapidez com a qual os soldados norte-americanos os procuraram e perdoaram suas agressões uma vez findado o combate. Principalmente as crianças foram objetos dessa propensão inata de fazer amigos.

Infelizmente, o abismo entre o Oriente e o Ocidente nunca foi tão grande quanto a separação entre os soldados americanos e iraquianos. Uma barreira de diferenças culturais entre as sociedades americana e islâmica bloqueia a inclinação do soldado americano em se relacionar com sociedades estrangeiras. Poucos soldados falam árabe ou já passaram algum tempo em países árabes, ou até mesmo na presença de pessoas do Oriente Médio. As forças do combate aproximado não podem ser enviadas novamente a um ambiente tático onde sejam forçadas a lutar como estranhos. Na guerra do Iraque, o centro de gravidade

estratégico é a vontade dos iraquianos. Nossos soldados não podem esperar vencer essa guerra sem um melhor conhecimento de como o inimigo pensa e age.

Todo soldado americano deveria receber instrução sobre o idioma e a cultura, não para torná-lo um poliglota, mas sim para fazê-lo um diplomata uniformizado com habilidades linguísticas para compreender e conversar com cidadãos nativos nas ruas. A aculturação do soldado é muito importante para ser relegada em instruções de última hora antes do desdobramento. As forças armadas deveriam planejar, monitorar e analisar políticas de aculturação como uma responsabilidade conjunta.

As forças armadas gastam milhões na criação de locais

A ciência e a tecnologia produziram os melhores navios, aeronaves e viaturas blindados do mundo, e ainda são essenciais à Nação. A negligência desses programas agora só encorajaria outros inimigos potenciais, como China e, talvez, a Rússia, a despertarem uma corrida armamentista convencional, desnecessária e prejudicial.

de combate urbano para treinar os soldados a matarem o inimigo nas cidades. A otimização de locais urbanos que adestrem pequenas unidades a coexistirem e cultivar a confiança entre nativos pode ser igualmente útil. Esses centros poderiam expor jovens soldados à simulação de uma crise urbana no Oriente Médio, talvez próximo a uma mesquita ou a um centro comercial movimentado. Atores expatriados poderiam incitar o povo local à violência. As forças singulares e as agências combinadas com o Departamento de Estado, CIA ou observadores aliados emitindo ordens durante um exercício, proporcionariam uma presença interagência e internacional.

Adestramento. A qualidade do desempenho entre os soldados do combate aproximado de hoje é muito boa. Soldados inimigos atiram indiscriminadamente, enquanto os soldados americanos movem-se em grupos e carregam seus fuzis com o dedo fora do gatilho. Ninguém questiona o valor do adestramento rigoroso e ninguém aprecia mais o treinamento de primeira qualidade do que os soldados de infantaria. Eles estão cientes de que um bom treinamento é melhor do que bom salário e benefícios, porque sabem, mais do que ninguém, que um excelente adestramento é o melhor seguro de vida que podem comprar.

Desempenhos em combate passados, entretanto, não oferecem garantias para o futuro. A natureza imperdoável do combate urbano atual exige um novo conjunto de habilidades para o combate aproximado. As batalhas urbanas são

ações isoladas e compartimentadas, nas quais as pequenas unidades devem ser entidades independentes e com autonomia para realizar tarefas complexas sem auxílio externo. Os soldados e fuzileiros navais devem ser proficientes nas diversas funções de apoio às unidades, tais como inteligência, saúde, apoio de fogo e de comunicações.

No Vietnã, dois terços das perdas fatais nas pequenas unidades em combate ocorreram durante os primeiros meses no terreno, porque o sistema de adestramento em massa, adotado naquela época produziu soldados despreparados para a complexa e difícil missão de destruir o inimigo no combate aproximado. Futuramente, as pequenas unidades deverão ser submetidas a condicionamentos pré-combate mais rigorosos. Nenhuma unidade deveria participar de uma batalha difícil e cruenta antes de que seus comandantes e demais integrantes tenham participado de ações de combate mais leves.

Soldados e fuzileiros navais também têm que se transformar de especialistas no combate aproximado a pretadores de assistência humanitária e serviços sociais. Frequentemente, eles terão que revezar, diversas vezes, entre esses papéis opostos durante uma missão. Esse tipo de soldados e fuzileiros navais não podem ser produzidos em massa. Regimentos de adestramento para tais funções podem levar anos, em vez de meses. Pense em futuros soldados ou fuzileiros navais passando de aprendizes a artifices do combate aproximado, sob os cuidados de exímios mestres comandantes de grupo de combate. O procedimento de manter os jovens fuzileiros navais incorporados durante a realização de apenas algumas poucas missões, antes de darem baixa do serviço militar, parece ser benéfico para o Corpo de Fuzileiros Navais. Entretanto essa Força Singular deve considerar se não seria mais produtivo manter os fuzileiros navais no componente da ativa por mais tempo.

Eficácia das pequenas unidades. Os soldados norte-americanos são mais eficientes do que os de outras culturas porque lutam por seus companheiros, e não por ideologias ultrapassadas, teologias confusas, símbolos desprovidos de lealdade nem líderes desacreditados. Ninguém discute que o combate em cidades, atualmente, exige mais treinamento e um maior vínculo entre as tropas. O isolamento inerente dos combates urbanos exige mais das pequenas unidades, como por exemplo um certo grau de coesão antes nunca visto nas Forças Armadas dos EUA. O vínculo de um soldado com o seu companheiro normalmente dura além do perigo. Às vezes é para a vida toda, mas pouco se sabe sobre como gerar esse vínculo e os comandantes não são muito habilidosos em criar condições para que isso ocorra.

O ingrediente que todos concordam ser necessário para a criação de um vínculo numa unidade é o tempo. O amadurecimento de uma boa unidade, como o envelhecimento um bom vinho, não pode ser apressado.



Departamento de Defesa

Soldados do 15º Regimento de Infantaria acompanhados de soldados iraquianos tomam chá em uma casa já vasculhada em Tikrit, Iraque. Esses homens realizam operações de reconhecimento e segurança em toda a área de operações da 42ª Divisão de Infantaria.

Os pelotões precisam de, pelo menos, um ano para desenvolverem espírito de corpo e caráter completos. Os esforços do Exército em criar estabilidade individual para o soldado são admiráveis, no entanto não faz sentido manter um soldado estável e enviá-lo para o combate como um estranho dentro de sua unidade. Talvez precisamos redefinir a estabilidade para poder adotar a centralização da estabilidade da pequena unidade especialmente em grupos de combate e pelotões do combate aproximado. A jornada é longa e a probabilidade de morte é grande. A lógica convencional exige que o Exército e o Corpo de Fuzileiros Navais criem muito mais unidades do combate aproximado, as quais nunca são demais.

O desafio para o futuro é o desenvolvimento de doutrina e tecnologia que permita que pequenas unidades reconquistem a vantagem no combate urbano aproximado e derrotem um inimigo diabólico que possui a vantagem de lutar em seu próprio terreno. Para que sejam bem-sucedidas, as pequenas unidades devem ser capazes de se conectarem dentro de ambientes urbanos, superar o isolamento e concentrar a força o máximo possível. As pequenas unidades devem encontrar maneiras de aumentar a zona vermelha e recuperar a vantagem de matar o oponente fora do alcance das armas inimigas orgânicas. Somente após alcançar tais objetivos, as forças americanas poderão entrar em uma cidade, confiantes de

que derrotarão o inimigo enquanto as baixas fatais forem aceitas pelo povo americano.

Suprimentos. Paradoxalmente, à medida que o modo americano de guerra tornou-se mais tecnologicamente complexo, os fatores de estresse não tecnológico aumentaram nas unidades de combate. Soldados de Infantaria e de Operações Especiais no Afeganistão e no Iraque carregam um peso muito maior do que os soldados durante a Segunda Guerra Mundial. Atualmente o soldado se assemelha a um animal de carga, carregando aproximadamente 60 quilos de equipamentos até a área de batalha. Esse carregamento proporciona menos de 24 horas de sobrevivência. Uma bateria sozinha pesa mais que 9 quilos. Para combater eficazmente os infantis precisam de uma carga menos pesada. Suas necessidades devem ser satisfeitas somente quando preciso e nas proporções certas.

Aeronaves em alerta podem fornecer aos soldados desembarcados nas cidades o essencial para o combate aproximado, lançando os suprimentos diretamente às unidades em contato. Esses soldados devem ter a prudência de consumir somente o necessário para vencer e garantir que o reabastecimento continuará sem a interferência inimiga. Somente então, os soldados e fuzileiros navais poderão se despreocupar com a logística e se concentrar no combate, em vez de trazerem carregamentos que inibem suas habilidades de lutar com eficácia.



Departamento de Defesa

Um helicóptero HH-60H da Marinha norte-americana lança um míssil Hellfire numa área de treinamento afastada da costa de Okinawa, Japão. 27 de abril de 2005.

Apoio Externo

À medida que o essencial é fornecido, a necessidade de um soldado por apoio adicional diminui, em proporção ao custo e proximidade de recursos vindo de fora do seu controle imediato. A presença de auxílio externo raramente contribui para melhorar as condições dos soldados, portanto devemos tratar os recursos externos de apoio com cautela. A maioria dos soldados que travam combate aproximado trocaria, com prazer, todos os bombardeiros e aviões de caça do universo pela certeza de saber quem estará na próxima esquina.

Poder de fogo. Os recursos de poder mortal externo que os soldados preferem não são os itens mais caros e sofisticados do arsenal das forças singulares.

Em primeiro lugar, vêm os sistemas que o soldado ou fuzileiro naval comanda pessoalmente, como morteiros onipresentes e de baixa tecnologia, armas simples e de bom desempenho. Em segundo, vem a artilharia de apoio aproximado para responder a pedidos de fogo de soldados em contato com o inimigo. Os sistemas aéreos são os recursos externos de poder letal que soldados e fuzileiros preferem. As preferidas são as aeronaves de combate mais antigas, lentas e de baixa tecnologia, capazes de fornecer grande poder de destruição, tais como helicópteros de ataque; a aeronave de ataque de voo lento *A10* onipresente e confiável; o *Harrier* do Corpo de Fuzileiros Navais; e a aeronave armada *AC130*, bastante letal derivado do

avião-transporte da Força Aérea dos anos cinquenta.

Qualquer que seja o recurso de poder letal, os soldados avaliam sua eficácia baseando-se em quatro características cruciais: precisão, discriminação, proximidade e confiabilidade na pronta resposta. O problema da precisão está resolvido. A precisão de um metro é perfeitamente aceitável. Os problemas de discriminação e proximidade surgem das dificuldades em acertar o alvo certo com os disparos lançados do ar, particularmente num alvo tático aproximado. Os soldados e fuzileiros navais talvez prefiram bombas de duas toneladas para destruir pontes e prédios, porém grandes bombas não têm muito uso em alvos pequenos em movimento e que se encontram na volta da esquina. Bombas menores ao invés de mais precisas, são o próximo passo necessário no desenvolvimento de armamentos, se o objetivo do poder de destruição aérea for atender às necessidades do combate aproximado urbano.

O maior problema a ser solucionado para o apoio de fogo ao combatente terrestre é a solução para o problema da confiabilidade na pronta resposta. Quanto mais próximo do alvo, mais tempo é necessário para neutralizar o inimigo com poder de fogo. A tecnologia pode ajudar a resolver esse problema, no entanto o maior impedimento a disparos de pronta resposta é a burocracia. Há muitas pessoas envolvidas e muitas decisões são tomadas antes de a aeronave ser liberada para apoiar as forças amigas engajadas.

Os sistemas de fogo que não têm capacidade de pronta resposta são severamente sobrecarregados quando atacam alvos em movimento. Até mesmo o mais avançado sistema de bombardeio não é capaz de neutralizar um alvo em movimento, mesmo que este seja grande. Obviamente, o inimigo está ciente desta fraqueza e sabe que o jeito mais fácil de evitar a destruição americana é dispersando-se e escondendo-se, ou se mantendo sempre em movimento. O inimigo sabe que após um período seguro ele será sempre descoberto, pois os comandantes e soldados americanos usam esse período para escolher a arma certa, obter permissão para lançar a munição e decidir a forma mais apropriada de lançá-la.

Infelizmente, esses impedimentos reduzem a habilidade dos fogos de apoio para eliminar os sistemas inimigos mais perigosos. A tarefa é deixada para o combatente dentro da zona vermelha que emprega mísseis portáteis lançados do ombro, carros de combate e viaturas blindadas de combate de infantaria.

Manobra. A liberdade de mover-se no campo de batalha é essencial para o sucesso, tanto em terreno aberto como nas áreas fechadas das operações urbanas. Quanto mais rápido uma força terrestre derrotar um inimigo organizado convencionalmente em um terreno aberto, menor é a probabilidade desse inimigo ser capaz de se retirar para a selva urbana e estabelecer uma defesa coesa. Imaginem as consequências se as tropas do Exército e do Corpo de Fuzileiros na Operação *Iraqi Freedom* tivessem combinado forças blindadas e de lançamento aéreo, a fim de passar através e sobre as forças iraquianas e cercá-las antes que entrassem nas áreas urbanas. Se as forças americanas tivessem tido tal velocidade operacional, o inimigo não teria sido capaz de criar a destruição atual dentro das cidades iraquianas, e a tarefa de destruir as infra-estruturas Fedayeen e Bathist teria sido muito mais fácil, custando consideravelmente menos vidas.

A manobra rápida de varredura em terreno aberto pode ser melhor realizada com o transporte de soldados e fuzileiros navais em viaturas blindadas leves e velozes.

No entanto, o desafio da manobra muda quando tem início a guerra urbana estática. Nas cidades, o inimigo só pode se movimentar em grupos pequenos, sem se arriscar

a ser destruído por disparos vindos de aeronaves. A manobra montada permite que viaturas blindadas estabeleçam um cerco ao redor de uma cidade rapidamente, sem que os soldados terrestres sejam expostos à emboscada inimiga. A velocidade de movimento da viatura permite que as pequenas unidades penetrem no aglomerado urbano para atingir alvos críticos e retornem incólumes. A maior preocupação de um soldado num combate embarcado é a desorientação e o isolamento que ele sente quando sai da viatura.

Corrigindo as Proporções

A ciência e a tecnologia produziram os melhores navios, aeronaves e viaturas blindados do mundo, e ainda são essenciais à Nação. A negligência desses programas agora só encorajaria outros inimigos potenciais, como China e, talvez, a Rússia, a despertarem uma corrida armamentista convencional, desnecessária e prejudicial.

Também pode ser argumentado quais aspectos da tecnologia de guerra de grande porte, dedicadas à vitória de guerras no mar, na estratosfera e no espaço, poderão ser úteis para a condução de combates táticos em áreas urbanas. O argumento é simples. Se você acredita que os acontecimentos no Afeganistão e no Iraque sejam anomalias que, quando terminados, provavelmente não repetir-se-ão, então as prioridades atuais da defesa estão corretas. Se, no entanto, você acredita que as Forças Armadas têm pela frente décadas de intenso conflito contra inimigos ativos, adaptáveis e fanáticos, que consideram a morte de soldados um fim estratégico viável, então você deve concordar que uma reavaliação das prioridades da defesa é de extrema importância. Acontecimentos recentes parecem provar que as proporções não estejam corretas. Devemos adaptar as prioridades imediatamente, a fim de aumentar as chances de manter as forças terrestres americanas vivas no combate tático aproximado. Mais recursos para soldados e fuzileiros navais significará menos mortes e mutilações. Prestar mais atenção aos que mais lutam e morrem terá consequências estratégicas. Reduzir os custos (em vidas humanas) de condução de guerras aumenta a probabilidade de alcançar a vitória a um preço que o povo americano está disposto a aceitar. **MR**

O General Robert H. Scales Jr., trabalha como consultor independente para assuntos de defesa. Possui os títulos de Bacharel pela Academia Militar dos EUA, de Mestre e Ph.D pela Duke University. Ele serviu em diversas funções de comando e estado-maior nos Estados Unidos, Alemanha e Coréia. É co-autor, junto com Williamson Murray, do livro The Iraq War: A Military History (A Guerra no Iraque: Uma História Militar) (Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2003).